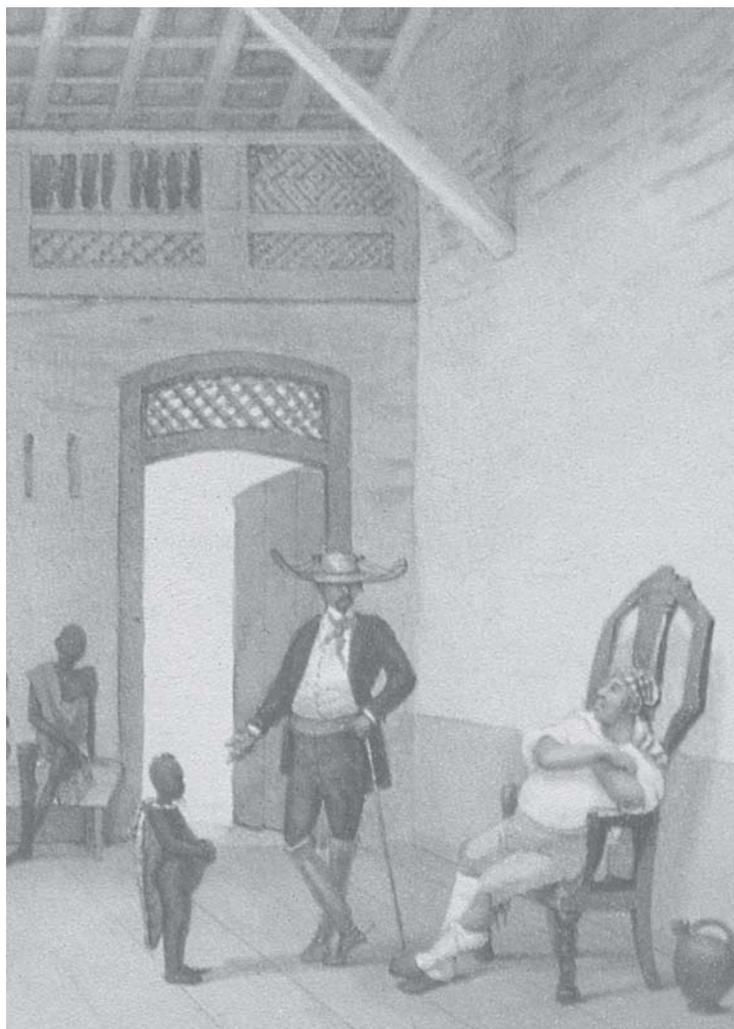


Latitudes, escravos e a Bíblia: um experimento em micro-história

TRADUÇÃO



DEBRET, Jean Baptiste. *Mercado na rua do Valongo (detalhe)*, 1834/1839.

Carlo Ginzburg

Professor de História Moderna da Scuola Normale Superiore di Pisa/Itália. Autor, entre outros livros, de *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. carlo.ginzburg@sns.it

Latitudes, escravos e a Bíblia: um experimento em micro-história

Carlo Ginzburg

Tradução: Henrique Espada Lima*

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tradução feita a partir da última versão: GINZBURG, Carlo. *Latitude, slaves and the Bible: an experiment in microhistory*. In: CREA-GER, Angela N. H., LUNBECK, Elizabeth e WISE, M. N. (eds). *Science without laws: model systems, cases, exemplary narratives*. Durham e Londres: Duke University Press, 2007.

¹ Ver REVEL, Jacques. Introdução. LEVI, Giovanni. *Le pouvoir au village: histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVIIe siècle*, trans. Monique Aymard. Paris: Gallimard, 1989 [edição brasileira: *A herança imaterial: carreira de um exorcista do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000].

² Ver AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 497. Nota do Tradutor (N. T.): a tradução que uso aqui segue em geral, com alterações, a publicada pela editora Perspectiva, cujo autor não é identificado. Optei pela palavra *nivelamento*, ao invés de *igualização* (esdolhida pelo tradutor brasileiro de *Mimesis*), por preservar o sentido original sem recorrer a um neologismo desnecessário. Mantenho, de todo modo, as referências às páginas da edição brasileira para situar o leitor.

³ Ver AUERBACH, Eric. *Philology and Weltliteratur*. *Centennial Review*, 13, Winter, 1969 [tradução brasileira: *Filologia da literatura mundial*, In: AUERBACH, Eric. *Ensaio de literatura ocidental*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2007, p. 357-373].

⁴ AUERBACH, Eric, *Mimesis*, *op. cit.*, p. 497 e 498.

⁵ O paralelo é feito de modo explícito algumas páginas antes. Ver *idem, ibidem*, p. 487 e 488.

Meu ensaio poderia tomar como lema as famosas palavras de Mies van der Rohe, *Menos é mais*. Sabendo menos, estreitando o escopo de nossa investigação, nós esperamos compreender mais. Essa mudança cognitiva tem sido comparada às variações na distância focal da lente de uma câmera¹. Pode-se chamar esta abordagem de micro-história, mas os rótulos são, em última instância, irrelevantes.

1. Minha aproximação à micro-história tem sido amplamente inspirada pelo trabalho de Erich Auerbach, o grande erudito judeu que passou a maior parte dos seus anos de criatividade em Istambul, exilado da Alemanha nazista. Ao fim da sua obra-prima, *Mimesis*, escrita em Istambul durante a Segunda Guerra Mundial, Auerbach escreveu: Por baixo das lutas e também através delas, realiza-se um processo de nivelamento econômico e cultural; ainda há um longo caminho a ser percorrido para se chegar a uma vida comum do homem sobre a terra, mas esta meta já começa a se tornar visível².

Meio século depois, hesitamos em descrever a chamada globalização que está tendo lugar sob nossos olhos como um processo de nivelamento econômico^f. Por outro lado, o nivelamento cultural^f, o apagamento das especificidades culturais, que Auerbach encarava com crescente preocupação, é uma realidade inquestionável, apesar das dificuldades a superar. Em um ensaio publicado em 1952, Auerbach lembrava que o conceito de Goethe de *Weltliteratur* havia se tornado cada vez mais inadequado para a nossa perspectiva em constante expansão. Como poderia um filólogo, a partir de uma única tradição cultural, aproximar-se de um mundo onde tantas linguagens e tantas tradições culturais interagem? Auerbach acreditava que era preciso olhar para *Ansatzpunkte*, isto é, para pontos de partida, para detalhes concretos a partir dos quais o processo global poderia ser reconstruído indutivamente³. A unificação em andamento do mundo, Auerbach escreveu na conclusão de *Mimesis*, é mais concretamente visível agora na representação despreconceituosa, precisa, interior e exterior do momento aleatório nas vidas de diferentes pessoas.⁴

A estratégia de Auerbach, coletando e elaborando *Ansatzpunkte*, era baseada no modelo cognitivo que ele havia detectado previamente no trabalho de Marcel Proust e de Virginia Woolf.⁵

2. Eu voltarei a essa simetria mais adiante. Algum tempo atrás,

enquanto eu estava trabalhando em um projeto avulso, cruzou o meu caminho um tratado que trazia o seguinte título: *Mémoire sur le Pais des Cafres, et de la Terre de Nuyts, par raport à l'utilité que la Compagnie des Indes Orientales en pourroit retirer pour son commerce* (Memória sobre o País dos Cafres, e da Terra de Nuyts, considerada em relação à utilidade que a Companhia das Índias Orientais poderia dela retirar para o seu comércio). A cópia que consultei na biblioteca de pesquisa da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA) uma fotocópia da edição original era encadernada com uma *Second mémoire sur le Pais de Cafres, et la Terre de Nuyts*, igualmente publicada em Amsterdã em 1718. No final dos dois tratados, a identidade do autor é revelada: Jean-Pierre Purry, um nome que eu nunca havia ouvido antes. Depois de uma rápida consulta aos dois textos, fiquei imediatamente intrigado, por razões que deverei discutir mais tarde. Daí começou um projeto de pesquisa que está ainda distante de sua conclusão. Este ensaio é um relatório preliminar sobre o meu trabalho em curso.

3. Jean-Pierre Purry nasceu de uma família Calvinista em Neuchâtel, Suíça, em 1675⁶. Seu pai, Henry, um latoeiro (como seu pai e seu avô), morreu quando Jean-Pierre tinha um ano de idade. No ano seguinte, a viúva de Henry, Marie Hersler, melhorou sua condição ao casar com o abastado Louis Quinche. Antes dos vinte anos, Jean-Pierre foi indicado coletor de impostos de Boudry, um vilarejo perto de Neuchâtel; depois de um ano, por razões desconhecidas, ele desistiu de seu posto. Em 26 de setembro de 1695, Jean-Pierre casou-se com Lucrèce Chaillet, filha de Charles Chaillet, o pastor de Serrières. Entre 1696 e 1710, o casal deu à luz oito crianças, das quais quatro morreram em seus primeiros anos de vida⁷. Em 1709, Jean-Pierre foi indicado prefeito de Lignièrès⁸. Dois anos depois, sua carreira política precoce terminou abruptamente quando ele foi levado a demitir-se da prefeitura. Infortúnios pessoais foram mencionados: um incêndio danificou sua casa; um investimento arriscado vendendo vinhos para a Inglaterra terminou em desastre financeiro.

Dado o fato de que há dois mil anos as encostas que cercam Neuchâtel têm sido cobertas de videiras, o envolvimento de Jean-Pierre no comércio de vinhos não é surpreendente. Não o é, do mesmo modo, o apoio que recebeu de sua família e sua esposa durante a crise: afinal de contas, três casamentos ligavam a família Purry à família Chaillets⁹. Ainda assim, em retrospecto, estes eventos assumiram uma singularidade notável, quase as feições de um destino. A vida de Jean-Pierre Purry se desdobraria sob uma constelação cujas estrelas-guias eram o vinho, a Inglaterra e uma propensão a correr riscos, seguidos de grandes fracassos.

4. ° época em que o povo de Lignièrès foi informado que o seu prefeito havia se desabilitado, Purry deixou sua terra natal para trás e estabeleceu-se em um mundo muito mais amplo¹⁰. Em 26 de maio de 1713, ele embarcou como oficial em um navio de propriedade da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais, o instrumento da expansão econômica e política da Holanda no Sudeste da Ásia. Na sua posição como líder de setenta homens, Purry haveria de ter algum conhecimento da língua holandesa. O navio fez uma parada na Cidade do Cabo e

⁶ Ver ROULET, L.-E., Jean-Pierre Purry et ses projets de colonies en Afrique du Sud et en Australie. *Musée Neuchâtelois*, 31, 1994, e Jean-Pierre Purry explorateur (1675-1736). In: *De Saint Guillaume à la fin des Lumières*. SCHLUP, Michel (ed.). *Biographies Neuchâtelaises*, v. 1. Neuchâtel-Hauterive: G. Attinger, 1996, MIGLIAZZO, Arlin C. A tarnished legacy revisited: Jean Pierre Purry and the settlement of a Southern frontier, 1718-1736'. *South Carolina Historical Magazine*, 92, oct. 1991, e *Lands of true and certain bounty: the geographical theories and colonization strategies of Jean-Pierre Purry*. Selinsgrove: Susquehanna University Press, 2002. Ver também JÉQUIER, H., HENRIOD, Jacques e DE PURRY, Monique. *La famille Purry*. Neuchâtel: Caisse de la Famille Purry, 1972. Nenhum desses estudos analisa os argumentos religiosos para a colonização adiantados por Purry. O modo de escrever o nome da família varia (Purry, Pury, Puri, Purri) Ver *Recueil de quelques lettres et documents inédits concernant David de Purry et sa famille*. Neuchâtel: H. Wolfrath, 1893, p. 11 n. 1. Eu escolhi Purry, a versão que Jean-Pierre usou de modo mais freqüente.

⁷ Cf. *Recueil de quelques lettres et document inédits concernant David de Purry et sa famille*, op. cit., p. 73-75.

⁸ Cf. os Archives de l'État, Neuchâtel, Archives de la famille Purry, G. XII. Ver também ROULET, L.-E. Jean-Pierre Purry et ses projets de colonies en Afrique du Sud et en Australie, op. cit., p. 51.

⁹ Cf. *Recueil de quelques lettres et document inédits concernant David de Purry et sa famille*, op. cit., p. 8.

¹⁰ Cf. Leur curiosité naturelle les porte [os habitantes de Neuchâtel] la plupart à voïager dans les pais étrangers. *Apud* MERVEILLEUX, D. F. de. *La parfaite introduction à la géographie universelle*, 2 vs. Neuchâtel: J.J. Schmid, 1690, v. 2, p. 515.

¹¹ Nome colonial de Jacarta, na Indonésia, entre 1619 e 1942 (N. T.).

¹² Nisso eu sigo ROULET, L.-E. Jean-Pierre Purry et ses projets de colonies en Afrique du Sud et en Australief, *op. cit.*, baseado em uma conferência feita por C.C. Macknight em 1993. Agradeço muito a Albert de Pury, que me enviou uma versão datilografada da conferência inédita de Macknight.

¹³ A terra era nomeada em homenagem a Pieter Nuyts, conselheiro extraordinário para a Índia, que a descobriu em 1627. Ver HEERES, J. E. *Het Aandeel der Nederlanders in den Ontdekking van Australie, 1606-1765*. Leiden: E.J. Brill, 1899, p. 51.

¹⁴ PURRY, Jean-Pierre. Surpassent de beaucoup la fertilité des autres, aisi qu'on peut remarquer même au país de Canaan, don la Galilée étoit l'une des meilleurs provinces. In: *Mémoire sur le País des Cafres, et la Terre de Nuyts, par rapport à l'utilité que la Compagnie des Indes Orientales en pourroit retirer pour son commerce*. Amsterdã: Humbert, 1718, p. 17-18, daqui em diante abreviado: M).

atingiu a Batavia¹¹ em 2 de fevereiro de 1714. Purry iria passar quatro anos ali, trabalhando como um empregado da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais. Em 11 de dezembro de 1717, ele deixou a Batavia, embarcado como contador. Depois da parada de praxe na Cidade do Cabo, seu navio alcançou a Holanda em 17 de julho.¹²

Esses dados factuais fornecem o contexto para os escritos que foram o meu ponto de partida, as duas *Mémoires sur le País de Cafres et la Terre de Nuyts*, de Purry. Vamos dar uma olhada mais de perto nesses escritos.

5. No primeiro tratado, endereçado à Assembléia dos Dezesete, o comitê que dirigia a Companhia Neerlandesa das Índias Orientais, Purry tentou convencer o governador da companhia a colonizar a Karfirland (hoje, a frica do Sul) ou, alternativamente, a Terra de Nuyts (hoje, a costa ocidental da Austrália)¹³. Em sua segunda *Mémoire*, datada de 1 de setembro de 1718, bem depois do seu retorno à Europa, Purry respondeu às objeções levantadas por seus oponentes e fez uma forte defesa da colonização da Terra de Nuyts.

Os projetos de Purry estavam enraizados em uma teoria sobre o clima, que ele explicava ao longo da sua primeira *Mémoire*. Ele rejeitava rótulos como *temperadof* ou *friof*, considerando-os excessivamente vagos, e considerava absurda a exaltação padrão voltada à posição geográfica da França, no meio da zona temperada, entre 42 e 51 graus de latitude. Ele objetava que as uvas que cresciam a 51 graus de latitude produziam um vinho imbebível, no fim das contas. O melhor clima do mundo era encontrado a 33 graus de latitude.

A teoria de Purry era elaborada por um ex-comerciante de vinhos, nascido em uma região que era conhecida pelos seus. Mas as suas observações aparentemente superficiais tinham implicações mais complexas. Ele fornecia uma lista de países localizados entre os 30 e os 36 graus de latitude: a Barbária, a Síria, a Caldéia, Candia, Chipre, Pérsia, Mongólia, a parte mediana da China, o Japão. Mas, ele explicava, aqueles que estão mais próximos dos 33 graus de latitude ultrapassam largamente os outros em fertilidade, como se pode ver mesmo na terra de Canaã, de cujas províncias a Galiléia é uma das melhores.¹⁴

Essa alusão (*mesmof*, *mêmf*) sutil e de passagem era uma referência crucial a Números 13, e dá ao argumento de Purry uma reviravolta repentina. Deixe-me tornar explícita a referência bíblica, que Purry citou de modo completo em sua segunda *Mémoire*.

6. E falou o Senhor a Moisés dizendo: Envia homens que espiem a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel. Obedecendo ao comando, Moisés envia homens de cada tribo de Israel a espiar a terra de Canaã; e disse-lhes: subi por aqui para o lado do sul, e subi à montanha: E vede que terra é (...) E tomais do fruto da terra. E eram aqueles dias os dias das primícias das uvas.^f Os espiões vêm a Hebron, e então ao vale do Escol, e dali cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual trouxeram dois homens sobre uma vara^f (Números 13: 1-2, 17-18, 23).

Uvas e vinho, uma vez mais. O enorme volume de uvas trazido por dois homens sobre uma vara simbolizava a extraordinária riqueza



da Terra Prometida. Graças à referência a Canaã, o núcleo escondido do projeto de Purry emerge¹⁵. Há basicamente dois tipos de citação em suas duas *Mémoires*. Por um lado, dezessete referências ao Novo Testamento (mais duas alusões implícitas a ele), assim como uma única citação à primeira epístola de Paulo aos Coríntios; por outro lado, quinze alusões a relatos contemporâneos de geografia e história. Mas as referências bíblicas fornecem uma chave de leitura às passagens seculares. A latitude perfeita era, antes de tudo, a latitude da Terra Prometida. O plano de Purry para o assentamento colonial era baseado no 'xodo bíblico' ainda que a sua leitura da Bíblia fosse, como iremos ver, suficientemente flexível para permitir, por exemplo, que ele olhasse para a latitude perfeita de 33 graus em ambos os hemisférios, Boreal e Austral.

7. O impacto de longa duração da narrativa do 'xodo é bastante conhecido. Há muitos anos, Michael Walzer argumentou que a jornada dos filhos de Israel da escravidão à liberdade, do Egito à Terra Prometida, forneceu, através dos séculos, um modelo revolucionário destituído de conotações messiânicas, que inspirou — como Walzer enfatizou, fazendo eco a Gershom Scholem — o moderno movimento sionista¹⁶. Mas aquelas interpretações revolucionárias, admitia Walzer, ignoravam uma seção da narrativa do 'xodo: a conquista, a guerra contra os canaanitas que habitavam a terra. Ao rejeitar a leitura do 'xodo oferecida pela direita sionista, Walzer alinhava-se com o lema do sionismo liberal: um povo sem terra [os judeus] encontrou uma terra sem povo [a Palestina].^f Nesta leitura, os canaanitas são silenciosamente extirpados da narrativa bíblica; do mesmo modo que os palestinos têm sido colocados entre parênteses, fora da versão oficial da história de Israel, uma questão que nos últimos anos vem sendo alvo de uma nova geração de historiadores israelenses¹⁷. Em um nível hermenêutico mais geral, duas questões vêm à mente. Primeiro, é permitido colocar a conquista de Canaã entre parênteses na narrativa bíblica simplesmente porque desagradava o modo pelo qual essa conquista tem sido usada simbolicamente no debate político contemporâneo? Segundo, esse colocar entre parênteses é compatível com o princípio de Walzer (que também deriva de Scholem e, certamente, também está aberto à discussão) de que o significado da narrativa bíblica coincide, em última instância, com o leque completo das suas interpretações?¹⁸

Purry considerava, de modo implícito, tanto os canaanitas quanto a guerra lançada contra eles pelos filhos de Israel como um aspecto essencial da narrativa bíblica. Em sua leitura, a jornada em direção à Terra Prometida se tornou um modelo e uma justificação para a conquista europeia do mundo.¹⁹

8. Purry tentou convencer a Companhia Neerlandesa das Índias Orientais a enviar imigrantes para a frica do Sul ou para a Austrália. Mas o número relativamente pequeno de prováveis imigrantes europeus para aquela área levou-o a considerar uma alternativa diferente: quando se é incapaz até mesmo de encontrar trabalhadores, pode-se ter escravos trabalhando a terra. Os romanos não trabalharam suas próprias terras de outro modo.²⁰

Por que Purry justificava a escravidão com um precedente secular

¹⁵ Ver ROULET, L.-E. Jean-Pierre Purry et ses projets de colonies en Afrique du Sud et en Amérique, *op. cit.* p. 55.

¹⁶ Ver WALZER, Michael. *Exodus and revolution*. New York: Basic Books, 1985, p. 123.

¹⁷ Ver SAID, Edward W. Michael Walzer's Exodus and revolution: a canaanite reading. *Grand Street*, 5 winter 1986. Um intercâmbio posterior entre Said e Walzer foi republicado por HART, William D. *Edward Said and the religious effects of culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, (gentilmente trazido à minha atenção por David Landes).

¹⁸ Ver WALTZER, Michael, *op. cit.*, p. 7 e 8. Uma comparação entre esse tema judeu e a tradição hermenêutica cristã, brilhantemente analisada por BORI, Pier Cesare. *L'interpretazione infinita: L'ermeneutica cristiana antica e le sue trasformazioni*. Bolonha: Il mulino, 1987, daria excelentes frutos.

¹⁹ Davanti al Muro capivo perché la leggenda americana, quella della frontiera e dei massacratori di Indiani, si fosse nutrita del libro dell'Esodo. Cf. FORTINI, Franco. *Extrema ratio: note per un buon uso delle rovine*. Milão: Garzanti, 1990, p. 67.

²⁰ Quand même on ne trouveroit point de laboureurs, on pourroit en ce cas là faire cultiver la terre par des esclaves. Les Romains ne labourent par les leurs autrement (M, p. 69).

²¹ Sobre a maldição de Noé, ver BLACKBURN, Robin. *The making of new world slavery: from the Baroque to the modern, 1492-1800*. New York: Verso, 1997, que conta com uma extensa bibliografia.

²² Ne sont autre chose que des effets de l'habitude et d'un exercice continuel. Ainsi je ne voy pas pourquoi des esclaves ne pourroient pas apprendre la science de la agriculture (M, p. 69e 70); Mais, dirait-on, quand cela seroit, la justice ni l'équité ne permettent pourtant pas qu'on pût s'en aller établir dans la Terre de Nuyts au préjudice de ceux qui y sont déjà de père en fils, depuis, peut-être, quelque milliers d'années, ni qu'on pût chasser de leur pays des gens qui ne nous ont jamais fait aucun mal (M, p. 70 e 71).

²³ La terre appartient toujours à Dieu en toute propriété, et nous n'en avons que l'usufruit, à peu près de même qu'un père de famille qui fait servir quelque plat à ses enfants ou à ses domestiques, il n'assigne pas à chacun sa portion, mais ce dont chacun se saisit honnêtement est à lui, quoi qu'auparavant il n'y eût pas plus de droit que les autres; et quoi que ceux-ci ne lui aient pas donné la permission de prendre tel ou tel morceau (M, p. 71).

²⁴ LOCKE, John, *Second treatise of government In: Two treatises of government*. Ed. Peter Laslett (1689). Cambridge: Cambridge University Press, 1963, p. 319, 309, 307 [tradução brasileira: *Dois tratados sobre o governo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 427, 414, 411]. Para a tradução francesa, ver LOCKE, John. *Du gouvernement civil où l'on traite de l'origine, de fondements, de la nature, du pouvoir et des fins des sociétés politiques, traduit de l'anglois*. Amsterdã: Chez Abraham Wolfgang, près de la Bourse, 1691.

ao invés de citar, como ele em geral fazia, uma passagem do Velho Testamento? Possivelmente porque a maldição lançada por Noé aos filhos de Ham, que havia visto sua nudez, parecia conectar a escravidão a um estigma inato²¹. A atitude de Purry era diferente. Ele descartava a idéia de que os escravos tinham capacidades limitadas de aprendizado. Em Java ele havia visto escravos de ambos os sexos trabalhando como alfaiates, carpinteiros e sapateiros. Eles tocavam instrumentos musicais em casamentos; eles dançavam. Essas coisas são apenas efeitos do hábito e da prática contínua. Em resultado disso, eu não posso ver razão alguma por que os escravos devam ser incapazes de aprender a ciência da agricultura.^f Nesse ponto, um oponente imaginário sugeria um impedimento mais grave: Neste caso, poderíamos objetar que a justiça e a equidade iriam nos impedir de nos estabelecermos sobre a Terra de Nuyts e nos assenhorearmos dela, passando por cima daqueles que têm estado lá, de pai e filho, por talvez alguns milhares de anos, e também iriam nos impedir de expulsar de sua terra pessoas que jamais nos fizeram mal algum.^f²²

9. Eis aqui uma objeção formidável e certa à colonização europeia como tal. A ela se seguiu uma réplica ainda mais formidável. Não há injustiça alguma nisso, responde Purry, por duas razões. Em primeiro lugar, a Terra pertence a Deus de modo perpétuo, e nós apenas temos o uso dela, semelhante ao pai que coloca um prato na frente de seus filhos ou seus servos: ele não dá uma porção para cada um, mas antes o que cada um pega para si de modo justo lhe pertence, ainda que antes ele não tenha tido direito maior a isso do que os outros, e apesar deles não lhe darem permissão para apoderar-se desse ou daquele pedaço.^f²³

Um grande encontro familiar em volta da mesa, crianças e servos tentando animadamente pegar sua parte na refeição. Esta cena patriarcal era um comentário implícito sobre o Levítico 25:23, uma passagem bíblica citada por Purry: A terra também não se venderá para sempre: porque ela é minha, e vós sois como estrangeiros, a quem eu a arrendo.^f

Apenas recentemente eu me dei conta que as palavras de Purry haviam sido silenciosamente inspiradas também por um texto diferente: o *Segundo tratado sobre o governo*, de John Locke. No princípio, o mundo inteiro era a América,^f escreveu Locke; Deus deu o mundo aos homens em comum.^f Mas a propriedade, baseada sobre a indústria, era legítima; de outro modo, argumentava Locke, se se tornar o consentimento explícito de todo membro da comunidade necessário para qualquer um que se aproprie de qualquer parte daquilo que é dado em comum, os filhos ou os servidores não poderiam cortar a carne que seu pai ou senhor lhes concedeu, em comum, sem atribuir a cada um seu pedaço particular.^f Purry deve ter lido o *Segundo tratado* de Locke na tradução francesa de David Mazel, publicada em Amsterdã em 1691, o ano seguinte à primeira edição inglesa, então reimpressa várias vezes.²⁴

Purry distorceu de modo original as reflexões de Locke. Dado que todos os homens,^f continua Purry,

possuem naturalmente os mesmos direitos sobre os bens do Mundo, graças à intenção do criador, que não lhes deu esse direito compartilhado senão afim de que eles façam dele uso, não parece razoável que o simples estado de posse, ainda que antigo de

*milhares de anos, possa ser válido a favor de alguém em prejuízo dos outros, sem o consentimento destes, isto é, sem alguma convenção que eles tenham feito entre si a esse respeito. E enquanto cada pessoa pegue apenas aquilo que precisa, ele não está infringindo os direitos dos outros, que poderiam, por seu lado, fazer valer de uma maneira ou outra, o privilégio do primeiro ocupante.*²⁵

Purry respondia a uma questão implícita: a conquista europeia do mundo era legalmente justificada? Levantar uma questão como essa já implicava um distanciamento, talvez mesmo uma dúvida. Purry articulava sua resposta em termos do direito natural, que ele derivava de uma passagem bíblica, ainda que alguém pudesse argumentar o oposto, isto é, que a noção de direito natural inspirada pelo *Segundo tratado* de Locke houvesse inspirado a leitura que Purry fazia da Bíblia²⁶. A passagem de Locke sobre o vínculo humano que conectava um suíço e um índio nas florestas da América que estão em referência um ao outro (...) em perfeito Estado de Natureza deve ter produzido uma ressonância especial para Purry, ele próprio suíço²⁷. Diante de Deus não havia hierarquias; todos os seres humanos têm o mesmo direito ao uso da Terra. Os vínculos locais tornavam-se nulos diante da invocação de Deus, um Deus distante e solitário em sua singularidade. Direitos enraizados na antiguidade, em tradições antigas de milhares de anos, não tinham validade alguma. Nenhuma propriedade poderia ser mantida em perpetuidade; apenas o presente contava. A Terra era como uma refeição, e, em princípio, cada um tinha direito a uma parte dela, mas não haveria nenhuma distribuição ordenada; de fato, não haveria nenhum tipo de distribuição. Ao reclamar sua parte, os filhos de Deus tinham que se comportar de modo justo, é claro, mas a referência aos direitos dos outros não sugeria um relacionamento fraternal. Os direitos dos outros se referem à lei que governa a todos; a palavra bíblica estrangeiro não definia apenas os relacionamentos entre os seres humanos e Deus, mas também as relações estritamente humanas. Cada um era um estrangeiro com relação a todos os outros. Esta condição comum e compartilhada, na perspectiva global de Purry, não elidia a compaixão que inspirava o 'xodo 23: 9: não oprimirás o estrangeiro: pois vós conheceis o coração do estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito. Quando qualquer um pode por seu lado, fazer valer de uma maneira ou outra, o privilégio do primeiro ocupante, quando cada indivíduo tem o direito, tacitamente, a pegar este ou aquele pedaço, a lei natural se transforma (podemos concluir) em uma lei da pilhagem mútua. A possibilidade se torna um direito. Nesse ponto, o segundo axioma de Purry e a moralidade são introduzidos:

*povos rústicos e selvagens amam acima de todas as coisas a existência preguiçosa e ... quanto mais um povo é simples e vulgar, menos é dado ao trabalho, enquanto uma vida de abundância e prazer exige um bocado de diligência e fadiga. Além disso, os países habitados por esta sorte de povos selvagens e preguiçosos, nunca são muito populosos. Assim, temos toda a razão para acreditar que longe de prejudicar os habitantes da Terra de Nuyts — e ninguém está obrigado a tirá-los dali — o estabelecimento de uma boa Colônia europeia iria provê-los de toda a sorte de benefícios e vantagens, tanto para uma vida civilizada, quanto pelas artes e ciências que a eles se ensinará.*²⁸

²⁵ Tous les hommes ayant donc naturellement le même droit sur les biens du Monde en vertu de l'intention du createur qui ne leur a donné ce droit commun qu'afin qu'ils en fissent usage, on ne conçoit pas qu'une simple possession, quoi-que de plusieurs milliers d'années, puisse être valable en faveur de quelqu'un à préjudice des autres, sans le consentement de ceux-ci, c'est-à-dire, sans quelque convention faite entr'eux à ce sujet: et tant que chacun ne prend que ce qu'il lui faut, il ne donne aucune atteinte au droit des autres, qui peuvent à leur tour, faire valoir d'une manière ou d'autre, le privilège du premier occupant. [M, p. 70 e 71]

²⁶ Ver *idem, ibidem*. O papel central desempenhado pelo direito natural no argumento de Purry emerge uma vez mais na *Second mémoire sur le Pais des Cafres, et la Terre de Nuyts*. Amsterdã: P. Humbert, 1718, p. 52; abreviado de agora em diante como SM: Mais je suis très persuadé qu'on peut presque se promettre d'avancer le succès d'une bonne entreprise, lorsqu'elle n'a rien de contraire au droit naturel, et que le Ciel ne manque jamais d'accompagner de ses bénédictions des desseins qui sont fondés sur la Charité envers le prochain, aussi bien que sur l'Amour de Dieu. Sobre essa questão, ver PAGDEN, Anthony. *The fall of natural man: the American Indian and the origin of comparative ethnology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

²⁷ LOCKE, John, *Second treatise of government*, op. cit., p. 295 [edição brasileira, op. cit., p. 393].

²⁸ Les gens sauvages et rustiques aiment la vie faineante par dessus toutes choses, et... plus un peuple est simple et grossier moins il est adonné au travail: au lieu qu'une vie d'abondance et de delices demande beaucoup de soins et de peine. Ajoûtons à cela, que les pais qui sont habités par ces sortes de gens sauvages et paresseux ne sont jamais fort peuplés. Ainsi on a tout lieu de croire, que bien loin de causer du dommage aux habitants de la Terre de Nuyts, ni qu'on fût obligé de les chasser chez eux, au contraire, l'établissement d'une bonne Colonie Européenne leur procureroit toutes sortes de biens et d'avantages, tant pour une vie civilisée que par les arts et les sciences qu'on leur enseigneroit. [M, p. 72 e 73].

²⁹ FEBVRE, Lucien. *Civiltà: evoluzione di un termine e d un gruppo di idee. In: Studi su Riforma e Rinascimento: e altri scritti su problemi di metodo e di geografia storica.* Turim: Einaudi, 1976, cita FUUTIERE, Antoine. *Dictionnaire.* The Hague: Arnout et Renier Leers, 1690: La prédication de l'Evangile a civilisé les peuples barbares les plus sauvages. *f* Ver também BENVENISTE, Émile. *Civilisation: contribution à l'histoire du mot In: Éventail de l'histoire vivante: hommage à Lucien Febvre offert à l'occasion de son 75^e anniversaire par l'amitié d'historiens, linguistes, géographes, économistes, sociologues, ethnologues,* 2 vs. Paris: A. Colin, 1953, v. 1, p. 47-54.

³⁰ *M*, p. 72 e 73.

³¹ Sans appréhender de faire souffrir ses habitants, ni de commettre aucune injustice à leur égard. De tels biens, qui ne donnent jamais aucun remord et qu'on peut acquérir sans donner la moindre atteinte à la qualité d'honnête homme et de Chrétien, sont véritablement dignes de notre Illustre Compagnie (*M*, p. 73).

³² BRANDT, Frédéric. *Notice sur la vie de Mr le baron David de Purry, suivie de son testament et d'un extrait de sa correspondance particulière.* Neuchâtel: Wolfrath, 1826, p. 1, escreve: Mr J.P. Purry avoit fait de bonnes études. Eu não fui capaz de verificar esta informação. O alcance das leituras de Purry (que eu examinarei em detalhe na versão expandida deste projeto) é mostrada, entre outras coisas, por sua referência ao trabalho in-folio extensivamente ilustrado de BULLART, Issac. *Académie des sciences et des arts, contenant les vies, et les éloges historiques des hommes illustres, qui ont excellé en ces professions depuis environ quatre siècles parmi diverses nations de l'Europe,* 2 vs. Bruxelles: Chez F. Foppens, 1682.

³³ Ver, por exemplo, GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, sobre como um moleiro friulano, a partir de uma formação social, de um tempo e de um espaço largamente distintos, leu o Gênesis.

³⁴ Car de dire que les hommes ne peuvent pas se resoudre si facilement à quitter leurs liaisons, leurs amis, leurs parents, tout cela ne sont que de niâseries et des chimères qu'on se met dans l'esprit (*SM*, p. 19).

Somos confrontados com uma série de oposições que pretendem ser auto-evidentes e que se sobrepõem: vida selvagem e vida civilizada; indústria e preguiça; abundância e escassez. O estabelecimento de uma boa Colônia européia *f* irá resgatar os selvagens de sua preguiça pecaminosa e irá provê-los com uma vida civilizada *f*²⁹. A mudança trazida pelos europeus virá a ser moral e proveitosa para todos, desde que *f*, escreve Purry, se aja com relação a eles com gentileza, e se os encare como pobres criaturas que, ainda que vulgares e bastante ignorantes, são, a despeito disso, membros da Sociedade humana tanto quanto nós *f*³⁰.

Purry observava que os espanhóis e os portugueses, que trataram os índios americanos como se eles fossem animais, haviam sido desprezados pela sua crueldade e barbarismo. Seu projeto de colonização, ao contrário, poderia ser levado a cabo sem causar aos habitantes [locais] sofrimento algum, nem cometer nenhuma injustiça a seu respeito. Esta sorte de benefícios, que nunca dão lugar ao remorso, e que podem ser adquiridos sem atentar em nada à qualidade de homem honesto e de cristão, são verdadeiramente dignos de nossa Ilustre Companhia. *f*³¹

Descartar esse tipo de racionalização moral como uma simples máscara para disfarçar as feições da ganância ou como uma completa mentira, seria simplista. O esforço de Purry para eliminar o remorso era significativo por si mesmo. A colonização européia, neste estágio e em certos ambientes, poderia gerar má consciência — um sentimento a ser silenciado em nome da moralidade, da civilização e do lucro. O argumento baseado no direito natural de que todo ser humano deve ser considerado igual perante Deus e é igualmente receptivo à civilização iria contribuir, a longo prazo, para os movimentos antiescravistas e anticoloniais de vários tipos. Mas antes que isso pudesse acontecer, ele serviria como uma justificação elaborada para a colonização européia.

10. Jean-Pierry Purry estava acostumado a cruzar o oceano. Ele nasceu na Europa, passou alguns anos na África, visitou a América e terminou sua vida na América do Norte, depois de ter defendido em vão a colonização da Nova Holanda — a Austrália de hoje. Purry foi capaz de ver a Terra como um todo. Não foram muitos os indivíduos antes dele que possuíam um ponto de vista tão amplo e global; menos ainda tiveram a oportunidade ou a capacidade de dar expressão escrita àquilo que viram e ao que pensaram sobre isso. Como Purry conseguiu fazer isso?

Ainda que esteja claro que ele era um homem suficientemente cultivado, sua formação educacional é desconhecida³². Antes de mais nada, Purry pensava com a Bíblia, uma experiência que ele compartilhava com inumeráveis indivíduos, antes e depois dele³³. A Bíblia lhe dava as palavras, os argumentos, as histórias; ele projetava palavras, experiências e eventos sobre a Bíblia. Outros livros lhe forneciam as lentes através das quais ele lia a Bíblia e vice-versa.

Consideremos alguns exemplos. Quando se levantaram objeções ao plano de Purry de estabelecer uma grande colônia na América do Sul, ele as rejeitou desdenhosamente: Pois dizer que os homens não podem facilmente resolver-se a abandonar suas ligações, seus amigos, seus parentes, tudo isso não passa de bobagens e quimeras que se colocam nas cabeças das pessoas. *f*³⁴

Para provar seu argumento, Purry reunia de um único fôlego dois

grupos bastante diferentes: os imigrantes franceses no Canadá, que falavam com arrependimento do sabor suave dos seus melões, do odor agradável de suas perdizes e tantas outras coisas que fazem a vida deliciosa³⁵, e os filhos de Israel, que murmuravam contra Moisés e Aarão: Quem nos dera que tivéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados juntos às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar!, porque nos tendes tirado para este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão^f (xodo 16: 3).

Purry simpatizava explicitamente com essa atitude prática. Sua alusão de passagem às tantas outras coisas que fazem a vida deliciosa^f brotava de uma profunda hostilidade com relação a todo tipo de ascetismo. Para ele, a civilização significava abundância. Mas aqui uma contradição emerge em sua mente. Por um lado, ele insistia que aquela abundância poderia existir apenas através da indústria e do trabalho duro. Por outro lado, ele subscrevia o velho mito da terra da abundância fácil. Durante sua discussão sobre a latitude ideal, Purry perguntava: do que falam os homens ao falar de um bom país^f? Ele oferecia sua própria resposta: Para mim, eu acho que um bom país é aquele onde abunda não apenas o leite e o mel, mas tudo o que em geral é capaz de apelar à nossa volúpia e de nos fazer viver deliciosamente; uma terra da cocanha e de repastos suntuosos, fértil, e que produz com facilidade, sem muito trabalho e com pouco custo, todas as necessidades da vida. Este, em poucas palavras e de acordo com as minhas humildes noções, é um bom país.^f³⁶

Mas o anti-ascetismo de Purry e seu elogio aos bens materiais não eram relíquias de utopias camponesas, como sua alusão à terra da cocanha poderia sugerir. Entre os autores citados nas *Mémoires* de Purry encontramos François Bernier o professor de medicina na Universidade de Montpellier, filósofo e viajante e Sir William Temple político, ensaísta e patrocinador de Jonathan Swift. Tanto Temple quanto Bernier (que se conheciam)³⁷ contribuíram para a reapreciação de Epicuro, o filósofo pagão um grande evento na história intelectual européia, iniciada por Pierre Gassendi em meados do século dezessete. Seguindo o elogio do prazer realizado por Epicuro, Temple, em seu ensaio *Sobre os Jardins de Epicuro*^f (1685), representava a civilização como a forma de sociedade dirigida de modo vantajoso pela ambição e a avareza: a descrição distanciada e irônica, desenvolvida no famoso livro de Bernard Mandeville, *Fábula das abelhas*. O ensaio de Temple teve um impacto profundo sobre Purry. Podemos vê-lo meditando sobre a observação de Temple segundo a qual o melhor clima para a produção de toda a sorte dos melhores frutos (...) parece ser entre cerca de vinte e cinco, até cerca de trinta e cinco graus de latitude.^f³⁸ As leituras da Bíblia feitas por Purry, filtradas pelo ensaio de Temple e pelos escritos geográficos, levaram-no a formular sua teoria sobre a latitude perfeita, localizada em 33 graus.

11. Os projetos de Purry foram examinados pelos administradores da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais e acabaram por ser rejeitados em 17 de abril de 1719³⁹. Isso não é surpreendente: a companhia preferia o comércio à colonização. Mais surpreendente é o fato de que imediatamente depois, em circunstâncias desconhecidas, Purry se tornou diretor geral da Companhia Francesa para as Índias⁴⁰. Em torno

³⁵ Du bon goût des leurs melons, du fumet de leur perdrix, et de tant d'autres choses qui rendent la vie délicieuse.^f (SM, p. 19).

³⁶ Pour moi j'entends par un bon pas, un país qui abonde non seulement en lait et en miel, mais généralement en toutes les choses capables de flater la volupté et de nous faire vivre délicieusement; un país de cocagne et de bonne chère, qui est fertile, et qui produit facilement, sans beaucoup de travail et à bon marché, tout ce qui est nécessaire à la vie; voilà en peu de paroles et suivant mes petites idées, ce que c'est qu'un bon país.^f (M, p. 22).

³⁷ Ver TEMPLE, Sir William, Upon the Gardens of Epicurus; or, of Gardening, in the year 1685. *Five miscellaneous essays*. Ed. Samuel Holt Monk. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1963, p. 12: And tis great pity we do not yet see the history of Chasimir, which Mounseieur Bernier assured me he had translated out of Persian, and intended to publish, and of which he has given such a taste in his excellent memoirs of the Mogul's country.^f Ver também MARBURG, Clara. *Sir William Temple: A seventeenth-century libertine*. New Haven: Yale University Press, 1932.

³⁸ TEMPLE, Sir William, Upon the Gardens of Epicurus^a, *op. cit.*, p. 18. Purry o cita a partir de *Les oeuvres mêlées de Monsieur le chevalier Temple*, 2 vs. 2. ed. Utrecht: Chez Antoine Schouten, 1694.

³⁹ Cf. HEERES, J. E. *Het Aandeel der Nederlanders in de Ontdekking van Australie, 1606~1765*, *op. cit.*, p. xvi, n. 5.

⁴⁰ Ver PURRY, Jean Pierre. *Memorial presented to His Grace my Lord the Duke of Newcastle (1724)*. Augusta, Ga.: J.H. Estill, 1880, p. 1.



⁴¹ Cf. ROULET, L.-E. Jean Pierre Purry et ses projets de colonies en Afrique du Sud et en Australie, *op. cit.*, p. 55.

⁴² Il révisa la meilleure partie de son bien et courut à Paris, où il spécula avec tant de succès, qu'il possédait un jour dans son portefeuille des effets au porteur pour plus de six cent mille francs. Jean Chambrier, son ami, plus tard ministre de Prusse à Paris, le conjurant de faire comme lui, et de réaliser au moins deux cent mille francs pour les faire parvenir à sa femme et à ses enfants, Purry lui répondit froidement: On ne parle ici que de millions, il faut donc aller aux millions, puis nous réaliserons *f.* JEANNERET, F. A. M. e BONHÉTE, J.-H. *Biographie neuchâteloise*. 2 vs. Locle: E. Courvoisier, 1863, v. 2, p. 251. Ver também BRANDT, Frédéric, *Notice sur la vie de Mr le baron David de Purry*, *op. cit.*, p. 1 e 2.

⁴³ Ver CRANE, V. W. *The Southern Frontier, 1670-1732* (1929). Ann Arbor: University of Michigan Press, 1956, p. 284, n. 8, que refere a B.M. Add. MSS. 32,739 (*Newcastle Papers*, LIV), ff. 39, 41f. (Purry, carta a Walpole, 6 jun. 1724, e Walpole, carta a Newcastle, 7 jun. 1724).

⁴⁴ Cf; MIGLIAZZO, Arlin C. *A tarnished legacy revised*, *op. cit.*, p. 237.

⁴⁵ Ver as cartas de 11 maio 1727 e de 1 jan. 1717, *Recueil de quelques lettres et documents inédits concernant David de Purry et sa famille*, *op. cit.*, p. 16 e 17, 13 e 14. Sobre La Cernia, ver *idem*, *ibidem*, p. 11 e 12, n. 3.

⁴⁶ Ver a tradução francesa da patente original nos *Archives de l'État*, Neuchâtel, *Archives de la famille Purry*, G. XII.

⁴⁷ Ver PURRY, Jean Pierre. *Proposals by Mr. Peter Purry of Neufchatel for encouragement of such Swiss Protestants as should agree to accompany him to Carolina, to settle a new colony, 1731*. In: *A description of the Province of South Carolina*. Washington, D.C.: Force, 1837, p. 14 e 15. Ver também PURRY, Jean Pierre, *Description abrégée de l'état présent de la Caroline meridionale*. Neuchâtel: Sr. Jacob Boyve em Neufchatel e Sr. Sécretaire Du Bois em St. Sulpy, 1732, e *Description abrégée de l'état présent de la Caroline meridionale*

de 1720, ele estava em Paris, inteiramente submerso no tumulto financeiro gerado por John Law, o financista escocês, e seu sistema *f.* Purry investiu o dinheiro que ganhou na Batávia com algum sucesso inicial⁴¹. De acordo com um amigo, Purry quis tirar a sorte grande como especulador com determinação incondicional, dizendo: Aqui todo mundo fala de milhões. Uma vez que eu tenha conseguido alguns milhões, eu realizarei os lucros *f.*⁴². A bolha do Mississipi estourou e Purry perdeu tudo.

Ele não desistiu nem das suas teorias, nem dos seus projetos. Em 6 de junho de 1724, escreveu para Horatio Walpole pedindo para ser apresentado ao duque de Newcastle; Walpole concordou prontamente, no dia seguinte⁴³. Em um memorial endereçado ao duque, publicado em Londres no mesmo ano, Purry propunha a colonização da Carolina do Sul por várias centenas de protestantes suíços. Frustrado em seus desígnios no hemisfério austral, Purry mudou seu foco para os 33 graus de latitude norte.

Sua primeira expedição à América terminou em fracasso, e Purry retornou pobre à sua cidade natal⁴⁴. Ele foi confinado por sua família em uma fazenda na montanha, não muito distante de Neuchâtel. Dali Purry enviou cartas cheias de deferência aos seus meio-irmãos pedindo dinheiro para as suas despesas menores: cartas, tabaco. Entretanto, mesmo aqui, ele não conseguia deixar de referir-se aos seus projetos americanos⁴⁵. Purry deve ter passado um bom número de anos suspenso entre um miserável presente e a expectativa de um grandioso futuro. Então, algo aconteceu. No fim das contas, o patrocínio oficial chegou. Em 10 de março de 1731, George II assinou uma patente real, autorizando Jean-Pierre Purry, coronel da Armada britânica, a fundar uma cidade na Carolina do Sul, a ser nomeada Purrysburg. Como proposto por Purry, seria habitada por um assentamento de protestantes suíços.⁴⁶

Uma campanha de publicidade montada por Purry deve ter contribuído para o fluxo de imigrantes para a sua colônia. As descrições detalhadas da Carolina do Sul feitas por Purry foram publicadas na Suíça e traduzidas em alemão e inglês⁴⁷. Nos *Eclaircissements* em apêndice à segunda edição do seu panfleto, publicado em 1732, Purry respondia aos murmúrios dos colonos recém-chegados. Purry, que estava sempre pronto a divulgar suas teorias sobre a latitude, adotava um tom chocante: Dizer que a região da Carolina é quente demais para os europeus, e especialmente para os suíços, é tão absurdo quanto reclamar da Síria, ou, como ela era conhecida anteriormente, a Terra de Canaã *f.*⁴⁸

Como Moisés (uma metáfora da qual ele teria gostado), Jean-Pierre Purry não teve a oportunidade de ver a terra prometida da revolução industrial. Ele morreu em 18 de agosto de 1736 na cidade que levava o seu nome⁴⁹. A própria cidade entrou em decadência e acabou por desaparecer. O filho mais velho de Jean-Pierre, Charles, foi assassinado em uma revolta escrava em 1754. Outro filho, David, que permaneceu na Europa, tornou-se imensamente rico. Quando morreu, em 1786, ele deixou seu dinheiro, parte do qual havia sido ganho com o tráfico de escravos para o Brasil, à gente pobre de Neuchâtel. Sua estátua está situada no meio da praça principal da cidade que tem o seu nome.

12. A vida cheia de cores de Jean-Pierre Purry certamente merece uma reconstrução detalhada. Poderíamos contar uma história, até mes-

mo uma boa história, sobre ele. Mas o objetivo do meu projeto é diferente. Desde o primeiro momento da minha pesquisa eu tentava responder à questão seguinte: pode um caso individual, se explorado em profundidade, ser teoricamente relevante?

Quando olhei pela primeira vez as duas *Mémoires* de Purry, eu pensei imediatamente em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Naquele famoso ensaio, publicado pela primeira vez em 1904-5, Weber argumentava que a emergência de uma atitude por ele chamada *ascese intramundana* (*innerweltliche Askese*), inspirada pelo calvinismo e seus desenvolvimentos puritanos, teve um papel crucial na emergência do capitalismo, ao submeter a atividade econômica ao controle racional⁵⁰. A controversa tese de Weber, que tem sido debatida desde então, focalizava os empreendedores agentes da mudança, enfatizando o impacto psicológico de conceitos religiosos como vocação (*Beruf*). Mas, como já foi notado, os empreendedores individuais afetados pelas idéias protestantes estão, de modo surpreendente, ausentes do ensaio de Weber. Benjamin Franklin, cujas reflexões foram repetidamente citadas por Weber, é um caso tardio e mais secularizado⁵¹. Jean-Pierre Purry parece, ao contrário, uma ilustração perfeita da tese de Weber: um calvinista empreendedor, inteiramente comprometido com a causa protestante, citando a Bíblia extensivamente para argumentar sobre seus planos de colonização e dando forma à sua própria vida de acordo com uma teoria geográfica centrada na Terra de Canaã. Mas, na medida em que minha pesquisa realmente começou, esse objetivo tornou-se menos óbvio.

Como eu me dei conta imediatamente, não era o caso de provar ou negar o argumento de Weber. Por um lado, Weber nunca construiu seu argumento como uma afirmação precisa, claramente sujeita à refutação, como todos os cisnes são negros^f. Um cisne branco, um não-calvinista empreendedor, obviamente não afetaria de maneira alguma o argumento de Weber. Por outro lado, um calvinista empreendedor como Purry jamais poderia provar um argumento como o de Weber, que havia sido formulado de uma forma abstrata e ideal-típica. Como Weber enfatizou repetidamente, falar em termos de tipos ideais [*Ideal-typen*]^f significa, em certo sentido^f, fazer uma violência à realidade histórica^f⁵². Como as idéias de Platão, tipos ideais são imunes a contradições⁵³. De acordo com a definição de Weber, uma individualidade histórica [é] um complexo de conexões que se dão na realidade histórica e que nós encadeamos conceitualmente em um todo, do ponto de vista de sua significação cultural^f⁵⁴. Um ser humano é, obviamente, uma realidade mais imprevisível, para não dizer contraditória. A lacuna entre Jean-Pierre Purry e o empreendedor calvinista ideal-típico de Weber é parte dos seus próprios postulados. Mas o próprio Weber enfatizou repetidamente que as construções ideal-típicas devem ser continuamente submetidas ao teste de pesquisa empírica. Qual seria o resultado de um teste baseado no caso de Purry?

Além das convergências que eu já mencionei, algumas áreas de divergência igualmente óbvia aparecem: o antiascetismo de Purry e sua justificação, baseada na sua própria leitura da Bíblia, e especialmente da narrativa do 'xodo, da conquista européia (que incluía a escravidão e o uso da força) do mundo. O segundo ponto lança uma luz interessante sobre a gênese e o significado de *A ética protestante e o espírito do capi-*

le, nouvelle edition, avec des éclaircissements, les actes des concessions faites à ce sujet à l'Auteur, tant pour luy que pour ceux qui voudront prendre parti avec luy. Et enfin une Instruction qui contient les conditions, sous lesquelles on pourra l'accompagner. Neuchâtel: Sr. Jacob Boyve em Neufchatel e Sr. Sécretaire Du Bois em St. Sulpy, 1732, p. 36. *A description of the Province of South Carolina* está parcialmente republicada em *Tracts and other papers, relating principally to the origin, settlement, and progress of the colonies in North America, from the discovery of the country to the year 1776.* Ed. Peter Force. 2 vs. Gloucester: Peter Smith, 1963. Uma versão muito mais curta apareceu em PURRY, Jean Pierre, *Kurtze, iedoch zuverlässige Nachricht von dem gegenwärtigen Zustand und Beschaffenheit des Mittägigen Carolina in America oder West-Indien, welche Landschaft Georgien genennet wird, aufgesetzt in Charlestown oder Carlstadt von vier glaubwu"rdigen Schweitzern, und aus der Französischen Sprache anietzo verdeutsch. Welchem eine Nachricht von denen so genannte Bilden, welche in derselben Gegend wohnen, beygefüget ist.* Leipzig: Samuel Benjamin Walther, 1734, p. 16. Para referências bibliográficas adicionais, ver BUTLER, Jon. *The Huguenots in America.* Cambridge: Harvard University Press, 1983, p. 217-220.

⁴⁸ PURRY, Jean Pierre, *Description abregée de l'etat présent de la Caroline meridionale, op. cit.*, p. 8, 28.

⁴⁹ Cf. LEIDING, H. D. K., *Purrysburg: a Swiss-French settlement of South Carolina, on the Savannah Riverf. Transactions of the Huguenot Society of South Carolina* 39, 1934, p. 32, baseado, possivelmente, em HIRSCH, A. H. *Huguenots of colonial South Carolina.* Durham: Duke University Press, 1928.

⁵⁰ Ver WEBER, Max. *The protestant ethic and the spirit of capitalism* [tradução: Talcott Parsons, 1930] Londres: Routledge, 1993, de agora em diante abreviado com EP (para o alemão, ver WEBER, Max, *Die protestantische Ethik und der Geist der Kapitalismus. Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, 21, 1905, p. 154, e sua edição revisada em *Gesammelte Aufsätze zur Religion-*

ssoziologie. Tübingen: Mohr, 1920-1921. Parsons traduziu innerweltliche Askese f como wordly asceticism f (EP, p. 193 e 194); em sua introdução, Anthony Giddens fala de this-worldly asceticism f (EP, p. xii). N. T.: sigo aqui a tradução de Antônio Flávio Pie-rucci. *A ética protestante e o "es-pírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, que opta por traduzir a expressão por ascese intramundana f.

⁵¹ Ver SESTAN, E. Introdução. WEBER, Max. *L'etica protes-tante e lo spirito del capitalismo*. Roma: Leonardo, 1945, p. xlv.

⁵² EP, p. 233. n. 68 [edição bra-sileira, p. 219. n. 69].

⁵³ Eu devo esta sugestão a Alberto Gajano.

⁵⁴ EP, p. 47 [edição brasileira, p. 41].

⁵⁵ EP, p. 183 [edição brasilei-ra. p. 167].

⁵⁶ Em seu *A destruição da razão* (um livro muito malicioso, onde platitudes ideológicas e passagens profundas coexistem), Giogy Lukács escreveu: O principal problema da sociologia alemã é a acumulação primitiva do capital e a violenta separação dos traba-lhadores dos meios de produ-ção f. LUK CS, Giogy. *Die Zerstörung der Vernunft* Neu-wied am Rhein, 1962, p. 525 (a tradução é minha). Weber, o mais preeminente sociólogo alemão e antigo mentor de Lukács, era, é claro, o princi-pal alvo dessa observação crí-tica. Em um nível mais geral (e menos interessante), ver LÖWITH, Karl, Max Weber und Karl Marx. *Archiv für Sozialwissenschaft und Politik*, 67, 1932, p. 53-99 e 175-214, tra-duzido sob o título *Marx, We-ber, Schmidt*. Roma: Laterza, 1994. C est probablement Marx qui a exercé sur Weber l'influence la plus profonde et la plus durable f, escreve FLEIS-CHMANN, E. De Weber à Nietzche. *Archives européennes de sociologie*, 5 1964, p. 194, mas sem desenvolver as im-plicações de sua própria ob-servação.

⁵⁷ MARX, Karl. *Capital*, 3 vs. New York, Vintage, 1977, v. 1, p. 873-74, de agora em di-ante abreviado como C. N. T.: transcrevo a tradução bra-sileira de *O capital*: crítica da economia política. Livro pri-meiro: O processo de produ-ção do capital, v. II. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 827 e 828.

talismo. Muitos leitores o encararam como um argumento contra o mar-xismo, postulando uma causa religiosa para o capitalismo, ao invés de uma causa econômica. Weber negou veementemente que o seu objetivo tinha sido substituir uma interpretação causal unilateralmente materi-alista da cultura e da história por uma outra espiritualista, também ela unilateral f⁵⁵. A relação polêmica de Weber com Marx era de fato mais sutil e mais próxima. Eu argumentaria que *A ética protestante e o espíri-tof do capitalismo* de Weber foi escrito não apenas contra a seção do *Ca-pital* de Marx que começa com o capítulo 26, O segredo da acumulação primitiva f, mas também, frise-se, com ela, rearranjando e virando de cabeça para baixo algumas de suas passagens.⁵⁶

A discussão de Marx se abre com a sentença seguinte: Essa acu-mulação primitiva desempenha na economia política um papel análogo ao do pecado original na teologia f. De acordo com essa versão teológi-ca f, havia em tempos muito remotos, duas espécies de gente; uma elite laboriosa, inteligente e sobretudo econômica, e uma população constitu-ída de vadios, trapalhões que gastavam mais do que tinham f. Marx con-tinua: É sabido o grande papel desempenhado na verdadeira história pela conquista, pela escravização, pela rapina e pelo assassinato, em suma, pela violência f.⁵⁷

Em certo sentido, Weber elaborou conscientemente um leque de argumentos sutis para dar suporte à interpretação teológica f da acu-mulação primitiva. Por um lado, ele enfatizou o papel da frugalidade ascética na ética capitalista; por outro, ele traçou com mão firme uma fronteira entre os aventureiros capitalistas e os genuínos empreendedo-res capitalistas. Os aventureiros capitalistas existiam por todo lado f, em todos os tipos de sociedade: uma observação curiosa, dificilmente compatível com o comentário de que na política do ultramar, eles fun-cionaram como empreendedores coloniais, como plantadores com es-cravos, ou direta ou indiretamente envolvidos com trabalho forçado f.⁵⁸ A última questão era crucial. Na visão de Weber, o genuíno empreende-dor capitalista não tinha nada a ver com a força.⁵⁹

Marx, ao contrário, apontou para o papel desempenhado pelas colônias no processo de acumulação primitiva: a escravidão dissimula-da dos assalariados da Europa precisava fundamentar-se na escravatura, sem reboços, no Novo Mundo f⁶⁰. Depois de haver lembrado o tra-tamento assustador dado às populações indígenas nas plantações das colônias, Marx notou que mesmo nas colônias propriamente ditas, não se desmentia o espírito cristão da acumulação primitiva. f Esta afirma-ção era ilustrada do seguinte modo: Aqueles protestantes virtuosos e austeros, os puritanos da Nova Inglaterra, estabeleceram, em 1703, por deliberação de sua assembléia, prêmio de 40 libras esterlinas por cada escalpo de pele-vermelha ou por cada pele-vermelha feito prisioneiro f; em 1744, 100 libras de nova cunhagem por escalpo masculino, de 12 anos ou mais, 105 libras por homem capturado e 50 libras por mulher ou criança capturada, e, por escalpo de mulheres ou crianças, 50 libras f.⁶¹

Colocar um detalhismo desse gênero sob a rubrica caráter cristão da acumulação primitiva f é um típico sarcasmo de Marx. Do mesmo modo, ele evocava o espírito protestante f para descrever a introdução das detalhistas e impiedosas leis dos pobres na Inglaterra elisabetana⁶². Mas no uso weberiano do espírito do capitalismo f (uma frase um tan-

to pretensiosaf, como ele admitia), não há o menor traço de ironia. Sua tentativa de demonstrar o caráter cristão (mais especificamente, calvinista) da acumulação primitiva era igualmente sério. As ferozes observações de Marx foram colocadas de cabeça para baixo e se tornaram o ponto de partida do ensaio de Weber. Porém, quando contemplava o cálculo exatof como uma característica da organização capitalista racional⁶³, Weber provavelmente não estava se referindo ao cálculo puritano dos escalpos dos peles-vermelhas.

O modelo avançado por Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, ao apagar sistematicamente a violência do início da história do capitalismo, é grandemente inferior ao de Marx. Por outro lado, Weber estava certamente correto ao focar o papel desempenhado por agentes influenciados pela religião — uma questão crucial, ignorada por Marx. Mas quais agentes? Purry, o empreendedor protestante que enfatizou a necessidade da força para trazer os nativos preguiçosos e incivilizados para o reino da abundância, é incompatível com o tipo-ideal weberiano. Se eu não estou errado, o caso Purry nos impele a reconsiderar de um ângulo inesperado e agudamente focado os pontos fortes e os pontos fracos dos dois maiores pensadores sociais do nosso tempo.

13. Minha aproximação da micro-história é fortemente devedora do trabalho de eruditos como Eric Auerbach (mencionado anteriormente por mim), que desenvolveram interpretações de artefatos literários e pictóricos baseadas em pistas que outros consideraram insignificantes. Essa versão da micro-história tem sido contrastada com uma outra, mais orientada em relação às ciências sociais e à crítica de seus métodos⁶⁴. Do meu ponto de vista, a oposição não tem fundamento, porque as duas versões da micro-história miram os mesmos objetivos teóricos, ainda que a partir de direções opostas. Eu sei que a palavra teoria não pode ser subestimada nesse contexto. Nas ciências sociais, a teoria é, com frequência, tacitamente identificada com uma aproximação ampla, à la Max Weber, e a micro-história, com seu foco aproximado, tenta resgatar do esquecimento as vidas das pessoas marginais e derrotadas. Se aceitarmos essas definições, a micro-história deveria ser confinada a um papel periférico e basicamente a-teórico, que em nada desafia as teorias dominantes. O caso de Jean-Pierre Purry, esse profeta precoce da conquista capitalista do mundo, apresenta a oportunidade de derrubar as barreiras pensadas para separar micro-história e teoria⁶⁵. Uma vida escolhida aleatoriamente pode tornar concretamente visível a tentativa de unificar o mundo, assim como algumas das suas implicações.

Ao dizer isso, eu estou fazendo eco a Auerbach. Mas Auerbach estava se referindo a Proust, implicitamente. Deixemos Proust ter a palavra final: Imaginam os simples de espírito que as grandes dimensões dos fenômenos sociais são uma excelente ocasião de penetrar mais além na alma humana; deveriam antes reconhecer que só descendo em profundidade numa individualidade é que teriam probabilidades de compreender tais fenômenos.^{f66}

* * *

Nota: Este artigo foi publicado em inglês pela primeira vez em

⁵⁸ EP, p. 20. Sobre a exclusão mútua entre os aventureiros capitalistas e a ascese intramundana, ver WEBER, Max. Antikritisches zum Geist des Kapitalismus. *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, 30-31, 1910 e 1911, parcialmente republicado em BAUMGARTEN, Eduard. *Max Weber: Werk und Person*. Tübingen: Mohr, 1964.

⁵⁹ Mas ele mudou de idéia sobre isso pouco antes de sua morte, como eu mostrarei na versão expandida deste projeto. Ver WEBER, Max. *Economy and society*, 3 vs. New York: Bedminster Press, 1968, v. 1, p. 137 e 138 [edição brasileira: *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. São Paulo: Imprensa Oficial/Edunb, 2004, v. 1, p. 90]. Após ter enfatizado a racionalidade da produção capitalista, Weber observa: O fato de que o máximo de racionalidade formal no cálculo do capital só é possível em caso de submissão dos trabalhadores à dominação dos empresários constitui uma irracionalidade material específica da ordem econômica. O significado desta observação é esclarecido por uma passagem mais adiante: A inclinação ao trabalho dos trabalhadores de fábrica, porém, esteve nos inícios condicionada por uma coação indireta muito forte, combinada com a atribuição aos trabalhadores do risco de sua subsistência (sistema de casas de trabalho, na Inglaterra), e permaneceu sempre orientada pela garantia forçadamente mantida da ordem da propriedade, conforme mostra, em nosso tempo, o desmoronamento dessa inclinação em consequência da quebra do poder coativo pela revolução [de 1918].f (v. 1, p. 153) [edição brasileira: v. 1, p. 101].

⁶⁰ C, 1, p. 925 [edição brasileira: livro 1, v. 2, p. 873].

⁶¹ C, 1: p. 917 e 918 [edição brasileira: livro 1, v. 2, p. 866].

⁶² C, 1, p. 882, n. 9 (edição brasileira: livro 1, v. 2, p. 835, n. 197)

⁶³ EP, p. 47, 22.

⁶⁴ Ver REVEL, Jacques. Micro-análise e construção do social. In: *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

⁶⁵ Um caso singular, analisado em profundidade, será suficiente para fornecer as bases de uma comparação extensiva. Ver MAUSS, Marcel. *Essais sur les variations saisonnières des sociétés eskimo:*

Etude de morphologie sociale [1906]. *Sociologie et Anthropologie*. 3. ed. Paris: PUF, 1966, p. 389-477 [edição brasileira: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 425-505].

⁶⁶ PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*, v. III: O caminho de Guermantes. 3. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1972, p. 256. Les niais s'imaginent que les grosses dimensions des phénomènes sociaux sont une excellente occasion de pénétrer plus avant dans l'âme humaine; ils devraient au contraire comprendre que c'est en descendant en profondeur dans une individualité qu'ils auraient chance de comprendre ces phénomènes. PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*, v. 2: *Le côté des Guermantes*, Paris: Gallimard, 1959, p. 330. A passagem, que é sobre Francoise e a guerra russo-japonesa, foi citada por ORLANDO, Francesco. Darwin, Freud, l'individuo e il caso. *La rivista dei libri*, 5 fev. 1995, p. 21.

Critical Inquiry, 31, 2005, p. 665-684. Diferentes versões do ensaio foram apresentadas em Istambul (ver GINZBURG, Carlo. Küresellesmeye Yerel Bir Yaklaşım: Coğrafya, Köleler ve İncil. In: *Tarih Yazamında Yeni Yaklaşımlar: küreselleşme ve yerelleşme*, 2 vs. Istanbul: Tarih Vakfı, 2000, v. I, p. 17-39), e na Universidade da Califórnia, Los Angeles, na Universidade Centro-Européia, Budapeste, na Universidade da Pensilvânia, na Boston University, na Universidade de Oslo, na Universidade de São Paulo, na Columbia University, na Facoltà di Lettere e Filosofia, em Siena, na Université Libre, em Bruxelas, na Rossiskii Gosudarstvennyi Gumanitarnyi Universitet, em Moscou (ver *Sciroty, raby, i Biblia: Opit mikroistorii*. Moscou: Rossiskii Gosudarstvennyi Gumanitarnyi Universitet, 2003), e na Universidade de Chicago. O ensaio também foi apresentado na Nexus Lecture anual de 2002, organizada pelo Nexus Institute, em Tilburg, Holanda, originalmente publicado como GINZBURG, Carlo. Geografische breedte, slaven en de Bijbel: een experiment in microgeschiedenis, *Nexus*, 35 (2003), p. 167-184, e aparece aqui com sua permissão. Agradeço muito a Carlo Aguirre Rojas, Perry Anderson, Pier Cesare Bori, Alberto Gajano, Stefano Levi Della Torre e Maria Petruszewicz, por terem me ajudado, direta ou indiretamente, com seus comentários e sugestões; a Albert de Pury, por sua ajuda generosa; e a Samuel Gilbert por suas sugestões estilísticas.

80

Tradução e publicação autorizadas pelo autor em maio de 2007.

